

Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) em 2015: memorando

Archaeological Field Camp of Proença-a-Nova 2015: memo

João Caninas, Mário Monteiro, Paulo Félix, Francisco Henriques, Isabel Gaspar, António Sequeira, André Pereira, Cátia Mendes, Emanuel Carvalho, Hugo Pires e Gonçalo Ferreira



Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) em 2015: memorando

Archaeological Field Camp of Proença-a-Nova 2015: memo

João Caninas (direção do CAPN e do projeto de investigação Mesopotamos, AEAT), **Mário Monteiro, Paulo Félix e Francisco Henriques** (direção de projetos do CAPN, Mesopotamos e LTDM, AEAT), **Isabel Gaspar e António Sequeira** (coordenação de atividades, Câmara Municipal de Proença-a-Nova), **André Pereira, Cátia Mendes e Emanuel Carvalho** (arqueólogos, AEAT), **Hugo Pires** (topografia e fotogrametria) e **Gonçalo Ferreira** (sistema de informação arqueológica Alcaide)

Palavras-chave. Campo arqueológico, sepultura megalítica, recinto muralhado, estrutura militar, Proença-a-Nova

Keywords. Archaeological field camp, megalithic tomb, walled enclosure, military structure, Proença-a-Nova

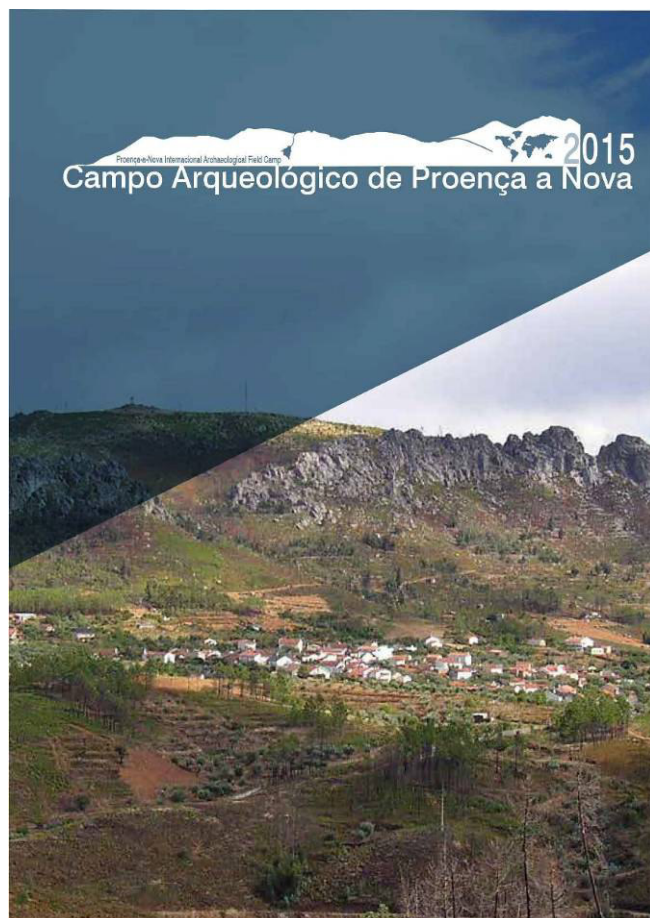
Resumo. Neste relatório documentam-se as ações do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) durante o ano de 2015. Neste período foram executadas intervenções em quatro sítios arqueológicos, duas sepulturas megalíticas, um recinto muralhado e uma estrutura militar. O programa do CAPN incluiu dezoito palestras de oradores convidados.

Abstract. This report documents the activities of the Proença-a-Nova Archaeological Field Camp (CAPN) during the year 2015. During this period, interventions were carried out at four archaeological sites: two megalithic tombs, a walled enclosure, and a military structure. The CAPN program included eighteen lectures by invited speakers.



O Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) foi criado em 2012 com o fim de investigar o património arqueológico de Proença-a-Nova, município da actual Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa. Informação geral em: <http://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt>

O CAPN é organizado pela Associação de Estudo do Alto Tejo e pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova e conta entre os seus parceiros e apoiantes várias universidades portuguesas e espanholas (Coimbra, Évora, Porto e Alcalá de Henares), centros de investigação (Laboratório Hércules, Centro de História de Arte e Investigação Artística e Instituto de Ciências da Terra, da Universidade de Évora), o Exército Português, o Geopark Naturtejo, empresas privadas (EMERITA, Superfície Geomática, Visa Consultores, Procesi e TTerra) e ainda com a participação singular de diversos investigadores.



De 3 a 29 de agosto teve lugar a quarta edição do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN), terceira de âmbito internacional. O CAPN 2015, tal como as edições anteriores, ofereceu variadas experiências e aprendizagens para os participantes, combinando objectivos de investigação e valorização do património arqueológico municipal com a formação em práticas arqueológicas de campo (escavação e prospecção) e de métodos e técnicas aplicadas a este ramo de investigação. A informação geral acerca do CAPN 2015 foi disponibilizada através da *website* <http://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt> e de um cartaz promocional. Aos participantes foi distribuído um guia em formato papel.

Programa

Dia mês	Manhã	Tarde
02 Agosto		19h00. Recepção dos participantes
03 Agosto	8h30. Prática de campo 1 (geofísica)	a 16h00. Sessão de Boas Vindas ■ 17h00. Metodologias
04 Agosto		b 13h30-15h00. Escavação 1
05 Agosto		a 17h00. Conferência 1 ■ 18h30. Conferência 2
06 Agosto	6h30-13h00. Escavação 1 Mamoas do Cabeço da Anta e Mamoas do Vale de Alvito	b 13h30-15h00. Escavação 1
07 Agosto		a 15h30-19h30. Visita de estudo 1
08 Agosto		a 17h00. Conferência 3 ■ 18h30. Conferência 4
09 Agosto		
10 Agosto		a 16h00-19h30. Prática de campo 2 (prospecção)
11 Agosto		b 13h30-15h00. Escavação 1
12 Agosto	6h30-13h00. Escavação 1 Mamoas do Cabeço da Anta e Mamoas do Vale de Alvito	a 17h00. Conferência 5 ■ 18h30. Conferência 6
13 Agosto		b 13h30-15h00. Escavação 1
14 Agosto		a 18h00-19h30. Prática de campo 3 (3D scanner)
15 Agosto		a 19h00. Entrega de diplomas da Escavação 1
16 Agosto	Partida dos participantes da Escavação 1	17h00 – Recepção dos participantes da Escavação 2
17 Agosto		a 17h00. Conferência 7 ■ 18h30. Conferência 7
18 Agosto		b 13h30-15h00. Escavação 2
19 Agosto	6h30-13h00. Escavação 2 - Recinto Muralhado do Chão de Galego	a 15h30-19h30. Visita de estudo 2
20 Agosto		b 13h30-15h00. Escavação 2
21 Agosto		a 16h30-19h00. Prática de campo 4 (Escavação 2)
22 Agosto		a 17h00. Conferência 9 ■ 18h30. Conferência 10
23 Agosto		17h00 – Recepção dos participantes da Escavação 3
24 Agosto	6h30. Visita aos sítios da Escavação 3 e introdução ao tema	a 17h00. Conferência 11 ■ 18h30. Conferência 12
25 Agosto		b 13h30-15h00. Escavação (2 e 3)
26 Agosto	6h30-13h00. Escavação 2 - Recinto Muralhado do Chão de Galego Escavação 3 - Forte e da Bateria das Batarías	a 15h30-19h30. Visita de estudo 3
27 Agosto		b 13h30-15h00. Escavação (2 e 3)
28 Agosto		a 18h30-19h00. Prática de campo 5 (Escavações 2 e 3)
29 Agosto		a 17h00. Conferência 13 e 14 ■ 19h00. Entrega de Diplomas
30 Agosto	Partida dos Participantes das Escavações 2 e 3	

Horário da escavação arqueológica	Pequeno-almoço (a partir de)	05h30	(a) Regresso a casa	13h00
	Partida para campo	06h00	(b) Almoço no campo	13h00 - 13h30
	Trabalho de campo	06h30 - 09h30	(a) Almoço	14h30
	Paragem a meio da manhã	09h30 - 09h45	(b) Trabalho do campo	13h30 - 15h00
	Trabalho do campo	09h45 - 13h00	Jantar	20h00

O formato do CAPN e o seu programa podem considerar-se modelares a nível nacional, atendendo à oferta que proporcionam e às boas condições de estada e de acompanhamento dos seus participantes, tal como se comprova, por exemplo, com a avaliação obtida em 2014 (satisfação média de 4,7 numa escala de 1 a 5):

Em 2015 pretendeu-se diversificar o conjunto de sítios arqueológicos visados com trabalhos de investigação, em número de quatro, procurando, desse modo beneficiar outras parcelas do município de Proença-a-Nova e proporcionar diversidade de oferta aos participantes.

As escavações arqueológicas concentram-se em duas sepulturas megalíticas situadas nas Moitas (Cimo do Vale de Alvito e Cabeço da Anta), sob a direcção de João Caninas, num vasto recinto murado, provavelmente do final da Idade do Bronze, situado na Serra das Talhadas (Chão de Galego), sob a direcção de Paulo Félix, e no Forte das Batrias na Catraia (Catraia Fundeira), sob a direcção de Mário Monteiro.

No quadro dos trabalhos arqueológicos de campo foram executadas várias jornadas de prospecção arqueológica em diversos pontos do território municipal, sob a direcção de Francisco Henriques, responsável pela elaboração da carta arqueológica do município de Proença-a-Nova, tarefa em fase avançada de elaboração e já objecto de uma primeira apresentação em congresso internacional realizado este ano em Castelo Branco.

Os participantes na campanha de verão do CAPN 2015 foram na sua maioria alunos de Arqueologia oriundos de diversas áreas geográficas de Portugal Continental, como Porto (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Coimbra (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Évora (Universidade de Évora), Lisboa (Universidade Nova de Lisboa) e Faro (Universidade do Algarve), de Espanha (Universidade de Alcalá de Henares) e também da China (Beijing Language and Culture University). Participaram igualmente jovens do distrito de Castelo Branco.

Participantes

NOME	PAÍS	ORIGEM
Adalberto Sampaio	Portugal	FLUP
Alicia Vaca Alonso	Espanha	UAH
Ana Sofia Ribeiro	Portugal	FLUC
António Costa	Portugal	Ensino Secundário (Castelo Branco)
Beatriz Rincón	Espanha	UAH
Catarina Gil	Portugal	FCSH (UNL)
Catarina Magalhães	Portugal	FLUP
Catarina Santos	Portugal	FLUC
Célia Sousa	Portugal	FLUP
Daniel Silva	Portugal	FLUP
Daniela Maio	Portugal	UALg
José Santos	Portugal	UE
Luis Nadais	Portugal	FLUP
Manuel Carvalho	Portugal	FLUC
Margarida Leite	Portugal	FLUP
Miguel Rodrigues	Portugal	Ensino Secundário (Castelo Branco)
Pedro Baptista	Portugal	FLUC
Salomé Ribeiro	Portugal	FLUP
Sara Pereira	Portugal	FLUC
Sofia Lacerda	Portugal	FLUC
Tiago Araújo	Portugal	FLUP
Vicente Cruz	Portugal	Ensino Secundário (Castelo Branco)
Wu Di	Rep. Popular da China	BLCU

Abreviaturas: BLCU (Beijing Language and Culture University); FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa); FLUC (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra); FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto); UAH (Universidade de Alcalá de Henares); UE (Universidade de Évora); UL (Universidade do Algarve).

Parceiros

	Prof. Doutor Jorge de Oliveira, Prof ^a Doutora Leonor Rocha e Prof ^a Doutora Teresa Matos Fernandes: consultoria científica e indicação de alunos para participação nos trabalhos de campo.
	Prof. Doutor José Mirão e Prof ^a Doutora Cristina Dias: consultoria científica, sedimentologia e análises químicas
	Prof. Doutor António Correia: consultoria científica e diagnósticos geofísicos.
	Prof ^a Doutora Primitiva Bueno: consultoria científica e indicação de alunos para participação nos trabalhos de campo.
	Prof ^a Doutora Maria de Jesus Sanchez: consultoria científica e indicação de alunos para participação nos trabalhos de campo.
	Prof ^a Doutora Raquel Vilaça: consultoria científica e indicação de alunos para participação nos trabalhos de campo.
	Tenente-Coronel José Paulo Berger: consultoria científica e participação nas conferências.
	Dr. Carlos Neto Carvalho: consultoria científica e orientação de visitas de estudo.
	Técnico Hugo Pires: digitalização tridimensional das escavações, de estruturas e de grafismos rupestres.
	Apoio técnico na coordenação do Campo e apoio logístico.
	Apoio na promoção e divulgação geral.

Aos organizadores, participantes, parceiros e apoiantes agradecemos o empenho colocado na persecução dos objectivos previamente delineados.

No início de 2015 destacamos a visita do arqueólogo e académico Chris Scarre, da Universidade de Durham (Reino Unido), ao megalitismo de Proença-a-Nova.



Em 2015, destacam-se algumas inovações no domínio do trabalho arqueológico de campo com recurso a novas tecnologias. Referimo-nos ao registo, integralmente digital, dos dados obtidos em campo através de uma plataforma *on-line* criada por Gonçalo Ferreira e Paulo Félix, denominada de “Alcaide” e à substituição dos desenhos de campo, até aqui feitos à vista, por registo fotogramétrico tridimensional, desenvolvido por Hugo Pires.

O Alcaide é um Sistema de Informação Arqueológico. É um conceito, aparentemente, novo em Portugal, talvez na Península Ibérica. A ideia original (de Gonçalo Ferreira) foi criar um sistema para a gestão da informação necessária na

actividade profissional de uma empresa de arqueologia ou entidade dedicada à actividade arqueológica.

É um sistema que compreende a gestão de ponto a ponto, deste o registo e gestão dos participantes e arqueólogos, administração das campanhas de escavação, prospecção e, no futuro, o acompanhamento arqueológico, até à geração de relatórios e avaliação dos campos e dos participantes.

É compatível com variadas plataformas, desde o computador pessoal, ao telemóvel e tablet e variados sistemas operativos e browsers, Chrome, Internet Explorer e Safari, que é o mesmo que dizer Android, Windows Phone e OS nos dispositivos móveis. É totalmente remoto, pelo que a informação pode ser trabalhada e acedida, em tempo real e ao mesmo tempo, em locais fisicamente distintos e por diferentes pessoas.

O registo fotogramétrico foi aplicado ao longo das várias fases de escavação de algumas das sondagens arqueológicas do campo e consistiu na recolha de fiadas de fotogramas digitais e na determinação de coordenadas cartesianas para um conjunto pontos notáveis da zona fotografada, apoiado na rede geodésica nacional. O processamento informático destes dados permitirá obter um modelo tridimensional detalhado para cada uma das fases de registo a partir dos quais serão produzidas as representações gráficas que se pretendam, tais como planimetrias, altimetrias ou vistas perspectivadas. Simultaneamente, ao conservar as dimensões e aparência dos vários momentos da escavação, este registo constitui-se como uma memória “volumétrica” que permitirá reverter virtualmente o desaparecimento das camadas escavadas.

Estas inovações têm a vantagem de permitir acelerar o ritmo da escavação arqueológica, de facilitar a ulterior edição de relatórios e de aumentar as possibilidades de relacionar e representar (nomeadamente de modo tridimensional) os dados, desta forma armazenados em suporte digital.

O programa do Campo incluiu igualmente práticas com especialistas no domínio das ciências auxiliares da arqueologia, nomeadamente António Correia (professor do Instituto de Ciências da Terra da Universidade de Évora), que exemplificou métodos de diagnóstico geofísico na mamoa do Cabeço da Anta (tomografia eléctrica e magnetómetro) e Luis Bravo (Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes - Universidade Católica Portuguesa) que exemplificou a aplicação da fotografia multiespectral ao estudo das pinturas pré-históricas da Serra das Talhadas (Proença-a-Nova).



Os participantes disfrutaram de visitas de estudo na região, conhecendo variados sítios de interesse cultural e paisagístico situados nos concelhos de Proença-a-Nova (Linha Defensiva das Talhadas Moradal, Portas do Almourão, aldeia de Figueira e Oliveiras e Adega Alvelus), Castelo Branco (Museu Francisco Tavares de Proença Jr, na imagem anterior, e Castelo) e Vila Velha de Ródão (Portas de Ródão, CIART e Foz do Enxarrique).

Conferências

DATA	HORA	CONFERENCIISTA	ENTIDADE	TEMA
5 de Agosto	17h00	Eugénio Sequeira	Liga para a Protecção da Natureza	O solo, suporte da vida na terra: génese, características e estado em Portugal Continental*
	18h30	Mário Benjamim	CHAIA-UE	Da interpretação do lugar ao projeto: uma proposta para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo
8 de Agosto	17h00	André Tomás Santos	Fundação Côa Parque	Arte megalítica das Beiras no contexto peninsular
	18h30	J. Caninas F. Henriques e Marcos Osório	CHAIA-UE AEAT CEAACP e CMS	Abordagem geográfica da rede de sítios da Pré-História Recente no território de Fratel (Vila Velha de Rodão): um modelo de povoamento
12 de Agosto	17h00	Maria de Jesus Sanches	FLUP	A investigação arqueológica na Serra de Passos-Mirandela: 1987-2014
	18h30	Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares	Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal	A presença dos fenícios em Portugal
17 de Agosto	17h00	Paulo Félix	AEAT	A Idade do Bronze e Idade do Ferro no Centro de Portugal: um mundo em mudança
	18h30	Rui Mataloto	Câmara Municipal do Redondo	A região da serra d'Ossa (Alentejo Central): do Megalitismo a Augusto - uma perspectiva pessoal
22 de Agosto	17h00	António Monge Soares	Investigador aposentado do Instituto Superior Técnico	O método de datação pelo Radiocarbono. A construção de uma cronologia absoluta para o Bronze de Sudoeste
	18h30	Florbela Estêvão	Instituto de História Contemporânea	Linhas de Torres Vedras: exemplo de transformação de uma paisagem e sua patrimonialização
24 de Agosto	17h00	Mário Monteiro	AEAT	A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal: as intervenções arqueológicas no forte e na bateria das Batarrias I
	18h30	José Paulo Ribeiro Berger	Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar	A engenharia militar e a construção das fortificações nos sécs. XVII e XVIII
29 de Agosto	17h00	David Delfino	CMA - Projecto MIAA, Instituto Terra e Memória (Mação)	Idade do Bronze e transição para a Idade do Ferro no Médio Tejo
	18h30	Leonel Borrela	Museu Municipal de Beja	A Linha Defensiva do Rio Guadiana no âmbito da Restauração de Portugal (1640-1668)

Abreviaturas: CEAACP (Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto); CHAIA (Centro de História de Arte e Investigação Artística); CMA (Câmara Municipal de Abrantes); CMS (Câmara Municipal do Sabugal); EMERITA (Empresa Portuguesa de Arqueologia); FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto); UE (Universidade de Évora)

Como tem sido hábito, o CAPN inclui um programa de 18 conferências com temas variados e oradores de diversos pontos do país, onde figuram Eugénio Sequeira (Liga para a Protecção da Natureza), Mário Benjamim (CHAIA-Universidade de Évora), André Tomás Santos (Fundação Côa Parque), João Caninas (Associação de Estudos do Alto Tejo), Francisco Henriques (Associação de Estudos do Alto Tejo), Marcos Osório (Câmara Municipal do Sabugal), Maria de Jesus Sanches (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Carlos Tavares da Silva (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal), Joaquina Soares (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal), Luis Bravo (Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes - Universidade Católica Portuguesa), Rui Mataloto (Câmara Municipal de Redondo), António Monge Soares (aposentado do Instituto Superior Técnico), Florbela Estêvão (Instituto de História Contemporânea), Mário Monteiro (Associação de Estudos do Alto Tejo), André Pereira (Associação de Estudos do Alto Tejo), João Paulo Berger (Gabinete de Estudos Arqueológicos de História Militar), Davide Delfino (Instituto da Terra e Memória, Mação) e Leonel Borrela (Museu Municipal de Beja).

5 de agosto de 2015

O solo, suporte da vida na Terra; génese, características e estado em Portugal Continental

Eugénio Menezes B. M. Sequeira (INIAV (Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária); LPN (Liga para a Protecção da Natureza – membro suplente da Direção Nacional); Conselheiro do CNADS (Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável); SPCS (Sociedade Portuguesa da Ciência do Solo)

Resumo. Definição, caracterização, constituintes funções e usos dados a este recurso limitado, precíval base de toda a vida terrestre. Funções na Natureza e usos dados pelo homem, com os vários graus de degradação resultantes.

Tentativas de salvaguarda deste recurso vital, com ênfase para a Estratégia Europeia, com a tentativa do estabelecimento de uma Diretiva Quadro, com a Rede Agrícola Nacional e a Rede Ecológica Nacional e das razões porque não resultam.

Porquê a Desertificação: Selagem do solo - exemplos e grau; Alagamento – as Barragens e os melhores solos; Erosão - causas e consequências – exemplos; salinização /sodização – causas e consequências e exemplos; fogos – causas e consequências.

Processos de formação do solo e principais características de cada e exemplos ao longo do país. Porquê a diversidade e porquê a pobreza de Portugal

5 de agosto de 2015

Da interpretação do lugar ao projeto: uma proposta para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo

Mário Monteiro Benjamim (CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora)

Resumo. Uma intervenção artificial na paisagem, como a imersão de uma extensa área por uma albufeira, além de implicar a alteração do uso de um recurso, pode afetar dramaticamente esse lugar, ocultando um legado histórico, humano, paisagístico e patrimonial todavia determinante para a compreensão da sua construção histórica.

A investigação que desenvolvemos pretende conceber estratégias que tornem visível a arte rupestre do Vale do Tejo, imersa pela edificação da barragem do Fratel em 1974 e consequente enchimento da sua albufeira; estas estratégias inserem-se num âmbito de intervenção mais extenso, no qual as gravuras passam a fazer parte de um modo coeso com a paisagem atual, criando novas formas de utilização e oportunidades de desenvolvimento regional.

A estratégia que a investigação persegue visa conhecer as diversas camadas histórico-sociais, paisagísticas e tecnológicas, de modo a alcançar a correta dimensão de uma intervenção arquitetónica; o projeto surgirá como um elemento unificador dessas camadas, capaz de estabelecer e formular outras visões. A visão polissémica e a proposta referente a esta nova identidade do lugar permitirão adequar futuras aplicações em situações análogas, com modelos semelhantes de paisagem.

8 de agosto de 2015

A arte megalítica das Beiras no contexto peninsular

André Tomás Santos (Fundação Côa Parque, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta)

Resumo. Desde finais do século XIX que a arte megalítica das Beiras tem sido alvo dos trabalhos de diversos investigadores portugueses e europeus. Entre estes deve destacar-se Elizabeth Shee que, no âmbito da sua tese de doutoramento, também se debruçou sobre a região. Neste seu trabalho considerou que algumas das características desta arte eram suficientes para a individualizar relativamente à que se encontrava nos dólmenes da restante península Ibérica. Entre essas características contam-se o predomínio da pintura ou a ocorrência sistemática de alguns motivos como sejam os animais ou o motivo da “pele esticada”.

Mais tarde, outros investigadores, como Bello Diéguez, vieram a colocar em causa esta individualização regional, considerando que o chamado “grupo das Beiras” mais não era afinal que parte integrante de um grupo mais vasto que se distribuía por todo o Noroeste peninsular.

Hoje em dia, por outro lado, com o progresso da investigação em outras áreas peninsulares, tem-se vindo a identificar uma série de grafismos com características supostamente do Noroeste, designadamente motivos pintados. O devido destaque

deve ser dado, neste campo às equipas da Universidade de Alcalá de Henares lideradas por Primitiva Bueno e Rodrigo de Balbín.

O que se pretende com esta conferência é, por um lado, fazer o ponto da situação relativamente à arte das Beiras, apresentar brevemente os seus monumentos historiados, e, com base, em algumas ferramentas estatísticas procurar compreender o seu lugar no mundo mais vasto da arte megalítica peninsular.

8 de agosto de 2015

Abordagem geográfica da rede de sítios da Pré-História Recente no Território de Fratel

João Caninas (CHAIA – Universidade de Évora, AEAT), Francisco Henriques (AEAT) e Marcos Osório (CEAACP, Município do Sabugal)

Resumo. Pretende-se compreender a distribuição de um conjunto de sítios arqueológicos, atribuíveis à Pré-História Recente, num território (Fratel) bem demarcado por acidentes geográficos e compará-la com a rede de povoamento atual.

Por circunstância feliz, no território de Fratel conservaram-se e convergem materialidades arqueológicas muito diversificadas do ponto de vista funcional, que supomos terem estado organicamente ligadas. São elas, sítios residenciais ou de habitat, sepulturas megalíticas e rochas gravadas em suportes ao ar livre. Além da diversidade, estas ocorrências são quantitativamente significantes e oferecem uma relação muito articulada, ou talvez condicionada pela morfologia do território e disponibilidade de alguns tipos de recursos naturais.

O tema em apreço foi apresentado pela primeira vez por J. Caninas e F. Henriques em 1991, em Castelo Branco, nas I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior, mas não chegou a ser publicada nas respetivas atas. Mais tarde, em 2009, foi objeto de uma outra apresentação, em Vila Velha de Ródão, na Mesa Redonda “Arqueologia

e Geomorfologia de Ródão: balanço de conhecimentos e perspetivas” e continuou inédito.

Uma vez que o tema mantém atualidade para divulgação retomou-se a sua elaboração, numa abordagem que podemos qualificar como processualista, em parceria com o arqueólogo Marcos Osório, que se encarregou de dar robustez ao método adotado, vulgarmente designado como Análise de Captação de Recursos (García Sanjuán, 2005), com a aplicação dos mais recentes algoritmos de informação geográfica.

No caso em apreço não se pretende explicar qualquer mudança cultural, pese embora o largo espectro cronológico, de pelo menos dois milénios (4º e 3º a. C.), onde aquelas materialidades se podem inscrever. Ao contrário, procura-se focar a atenção num quadro vivencial de estabilidade, ou invariância cultural, na relação das materialidades arqueológicas com as atividades quotidianas de subsistência.

Com essa restrição metodológica, e atento o confinamento morfológico do suporte físico, o chamado território de Fratel pode ser analisado como um sistema fechado, no plano das atividades de subsistência diária, sejam, cumulativamente, a agricultura, o pastoreio, a caça, a pesca e a recolção. Admite-se, por outro lado que tem uma dimensão (cerca de 9700 hectares ou 97 km²) adequada à autosuficiência alimentar de um grupo humano permanente. Contudo, não ignoramos que terão existido fluxos culturais, sociais comerciais, ou outros, da população daquele território com as de territórios envolventes, com as quais partilhariam, largamente, padrões culturais comuns, como a cultura material evidencia.

Não pretendemos afirmar que, neste caso, as questões de subsistência são o fator determinante na explicação da geografia deste povoamento antigo, mas cremos que tenham desempenhado um “papel predominante” (Renfrew & Bahn, 1993: 432) nesse âmbito.

As limitações ou lacunas de conhecimento, ao nível da caracterização mais fina, ou de menor escala, dos sítios são significativas, se considerarmos o reduzido número de intervenções arqueológicas em sítios de habitat (três) e em sepulturas megalíticas (duas), a inexistência de datações absolutas e o desconhecimento do quadro paleoambiental associado. Deste modo, é impossível sequenciar o extenso palimpsesto de ocorrências arqueológicas, restando o recurso a comparações de base tipológica. Contudo, com hipóteses de trabalho, simplificadoras, adequadas a estas limitações, como seja a admissão de generalizada sincronização de sítios, podemos analisar este território pelo menos por excesso.

O subconjunto de sítios melhor caracterizado, a chamada arte rupestre do Tejo, e que está bem representada na fronteira fluvial do território de Fratel, nos rios Tejo e Ocreza, é aquele que recebe menor relevância na análise em apreço, pelo seu carácter simbólico, menos quotidiano, e por isso mais excepcional.

12 de agosto de 2015

Presença Fenícia em Portugal

Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

Resumo. Procede-se à apresentação dos principais contextos arqueológicos portugueses que incluem cultura material fenícia filiável na do Círculo do Estreito de Gibraltar (metrópole de Gadir). Neste quadro geral, destaca-se a litoralização e o carácter comercial da colonização fenícia atlântica, com especial relevância para os territórios estuarinos dos principais rios do Sul e Centro do país: Guadiana, Gilão, Sado, Tejo e Mondego.



Abordar-se-á com maior desenvolvimento a rede de povoamento do período orientalizante do estuário do Sado: colina de Santa Maria em Setúbal, feitoria de Abul e cidade sidérica de Alcácer do Sal.

Finalmente, serão discutidas as modalidades de interação entre as populações indígenas da Idade do Bronze e os mercadores fenícios, bem como os acréscimos de complexidade social registados na organização social do início da Idade do Ferro.

12 de agosto de 2015

A investigação arqueológica na Serra de Passos - Mirandela: 1987 – 2014

Maria de Jesus Sanches (Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória - FL-UP/CITCEM)



Resumo. A intervenção arqueológica na Serra de Passos pretende mostrar como é que frequentemente a escavação de salvamento de um sítio discreto, sob ameaça de destruição, pode conduzir a um programa de investigação de um território mais vasto. Foi o que aconteceu com a intervenção, em 1987, no abrigo do Buraco da Pala. Esta conduziu ao estudo do território da Serra de Passos (numa primeira fase) e ainda àquele situado na sua periferia, implicando em ambos os casos programas de prospeção, de escavação (dólmenes e Crasto de Palheiros) e de estudos de pintura rupestre. Destes projetos resultou o conhecimento das comunidades pré-históricas daquela área, situadas cronologicamente entre os finais do 6º/5º e os finais do 3º mil. AC (Neolítico Inicial -Calcolítico/inícios da I. do Bronze).

Merecem destaque os seguintes resultados: a) a primeira definição do Neolítico interior, pré-megalítico; b) os estudos de carpologia e antracologia baseados em recolhas sistemáticas que permitiram traçar as principais características do coberto vegetal e do clima daquela região; c) o aproveitamento dos recursos, com particular

ênfase nas práticas agrícolas; d) as práticas rituais variadas, de entre as quais se realçam as de possíveis "potlach"; e) a correlação estreita entre a arte rupestre (pintura) e as restantes estações arqueológicas escavadas, conexão que indica modos peculiares de habitar o território.

A classificação de sítios e a musealização serão também referidas pois constituem práticas de proteção e de divulgação que devem acompanhar todos os programas de investigação.

15 de agosto de 2015

Imagens multi e hiperespectrais aplicadas ao estudo de pintura

Luis Bravo Pereira (Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes - Universidade Católica Portuguesa)

Resumo. A ampla difusão presenciada, durante a última década, das câmaras fotográficas digitais do tipo Reflex (D-SLRs), veio abrir aos investigadores na área do Património Cultural novas possibilidades, pois têm agora ao seu dispor uma ferramenta não apenas para documentar o estado de conservação de uma obra, mas também para a examinar no espectro invisível (como por exemplo no infravermelho ou ultravioleta) ou para recolher e analisar informação no espectro visível, mas de uma forma inovadora e com novas aplicações.

É neste âmbito que se enquadra a presente comunicação, que apresenta os resultados obtidos com um sistema de captação de imagens hiperespetrais baseado numa câmara digital comercial (uma Nikon D300 D-SLR) e que mostrou ser possível, capturar imagens hiperespetrais compostas por 28 bandas, entre os 420 nm e os 690 nm, em passos de 10 nm (22 bandas são capturadas diretamente com o sistema e 6 são interpoladas), um número de bandas em alguns casos superior ao que é possível de obter com outros sistemas de imagiografia multiespectral ou hiperespetral, equipamentos por vezes mais complexos e dispendiosos que o aqui apresentado.

17 de agosto de 2015

A região da serra d'Ossa (Alentejo Central): do Megalitismo a Augusto - uma perspectiva pessoal

Rui Mataloto (Câmara Municipal do Redondo)

Resumo. A região da Serra d'Ossa encontra-se situada em pleno Alentejo Central no fecho entre as bacias do Tejo e do Guadiana, marcando a transitabilidade regional no sentido Este-Oeste, e condicionando a mobilidade no sentido Norte-Sul.

Desde cedo que o relevo da Serra d'Ossa se tornou um pólo organizador da ocupação do território, quer atraindo e centralizando a ocupação, quer estruturando fronteira e margem do povoamento.

Pretende-se apresentar um percurso iminentemente pessoal de investigação neste território, que nos tem permitido reconstituir as suas dinâmicas de ocupação ao longo de pelo menos três milénios, até que a instalação do Mundo Provincial romano introduziu uma dinâmica completamente distinta, regida por princípios e dinâmicas supra regionais.

22 de agosto de 2015

O método de datação pelo Radiocarbono. A construção de uma cronologia absoluta para o Bronze de Sudoeste

António Monge Soares (investigador aposentado, Instituto Superior Técnico)

Resumo. Esta comunicação começará por fazer uma apresentação breve da base do método, bem como das técnicas que podem ser utilizadas, além de algumas reflexões sobre os problemas inerentes à amostragem em datação pelo radiocarbono.

A seguir, e como exemplo de aplicação do método na construção de uma cronologia robusta e precisa, será feita a apresentação da metodologia utilizada para a determinação dos limites cronológicos para as fases/periodos do Bronze do Sudoeste. A definição geográfica do Bronze do Sudoeste, os conceitos por detrás das fases culturais em que se pode subdividir, a base de dados e o "software" utilizados serão alvo de análise.

Também com o recurso a imagens de radiação Infravermelha, Ultravioleta (obtidas com uma D-SLR adaptada para o efeito, um Fuji IS Pro) e com pós-tratamento destas imagens com algoritmos adequados consegue-se obter informação invisível aos olhos humanos ou realçar informação visível, mas ténue. Torna-se assim este tipo de tecnologia uma ferramenta essencial a todos os investigadores da área do Património Cultural, sempre que o seu objeto de estudo apresente pintura.

22 de agosto de 2015

Linhas de Torres Vedras: exemplo de transformação de uma paisagem e sua patrimonialização

Florabela Estevão (Instituto de História Contemporânea)

Resumo. O sistema defensivo conhecido como Linhas de Torres Vedras edificado para conter a 3ª Invasão Francesa, teve como propósito aproveitar as características geomorfológicas a norte da cidade de Lisboa no sentido de transformar essa paisagem, numa paisagem militar.

Trata-se de um sistema militar único pela sua extensão, inovação, flexibilidade e articulação em rede, além de revelar uma forte simbiose entre as fortificações e os seus locais de implantação. Por outro lado, é um património que se insere num contexto histórico não só de relevância nacional, mas também internacional; o conflito que se verificou no território português e peninsular só pode ser compreendido se integrado numa escala europeia.



Nos inícios deste século, um conjunto de autarquias (Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira) reuniram-se em torno de um projeto comum: a Rota Histórica das Linhas de Torres. Procurando valorizar este conjunto patrimonial, foi concebida e implementada uma rota que abrange um vasto território da estrema portuguesa. À semelhança do sistema militar, também a rota se articula em rede, oferecendo um conjunto de circuitos apoiados em centros de interpretação e observatórios de paisagem.

Na primeira fase realizaram-se várias intervenções arqueológicas e de restauro, que visaram a investigação e a integração das estruturas militares nos circuitos da referida rota cultural e turística. Importa agora refletir sobre a sua sustentabilidade, que implicará, não só uma continuidade da investigação e valorização deste sistema em particular, mas também, a sua incorporação no contexto nacional e internacional.

24 de agosto de 2015

A Engenharia Militar e a construção das fortalezas nos séc. XVII e XVIII. Luís Serrão Pimentel e o Método Lusitano de Fortificar

José Paulo Ribeiro Berger (Subdirector da Direcção de Infra-Estruturas do Exército Português)

Resumo. Luís Serrão Pimentel (1613-1679) notabilizou-se no ensino da náutica da engenharia e da arquitectura militar. A ele se deve a institucionalização do ensino militar, com a criação da Aula de Fortificação e Arquitectura Militar, em 1647, a primeira escola de formação de futuros engenheiros, numa época em que Portugal se reorganizava para se defender militarmente face à recusa dos espanhóis em aceitarem de novo a nossa soberania sobre o nosso território nacional ibérico e nas possessões portuguesas espalhadas pelo Mundo.



Luís Serrão Pimentel viveu num século de revoluções políticas, militares e científicas, sendo autor do primeiro tratado de fortificação português, o *Methodo Lusitanico* ... (1680), cujo conteúdo resultou de um conhecimento científico

profundo que detinha, acompanhado de uma experiência prática desenvolvida a partir das necessidades decorrentes da sua participação nas campanhas da Guerra da Aclamação, que, em conjunto, considerava como saberes fundamentais para a formação de um bom Engenheiro saberes que perduraram nos séculos seguintes.

24 de agosto de 2015

A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal. As intervenções arqueológicas no Forte e na Bateria das Batarias I

Mário Monteiro (Associação de Estudos do Alto Tejo)

Resumo. A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal é criada no âmbito da Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763), em 1762, por ordem do Marechal-General Conde de Schaumbourg-Lippe, estratega contratado para comandar as forças portuguesas contra o invasor. Estabelece o quartel-general em Abrantes (considerada uma porta para Lisboa no corredor da Beira Baixa) e decide fortificar as serras das Talhadas e do Moradal, para onde se dirigia o invasor, utilizando os pontos dominantes das serras. Cria assim uma linha defensiva com aproximadamente 50 km de extensão, entre o Tejo e o Zêzere, constituída por diversos tipos de redutos, aproveitando as formações naturais do terreno e obstáculos que dificultavam a progressão do invasor.

Todavia, esta é apenas a primeira linha de um sistema defensivo muito mais complexo. Uma segunda e uma terceira linhas são traçadas em torno de Abrantes, de forma a impedir os intentos do invasor ou a permitir uma retirada em segurança.

Temos assim uma segunda linha designada como “Linha de Castello Velho a Milriça”, onde se encontram referenciadas seis baterias.

Uma terceira linha designada como “Linha de São Domingos”, onde se encontram referenciadas duas baterias, atrás da qual se encontrava acampado o grosso do exército Luso-Ingês e onde se reuniam todos os corpos militares em retirada.

Para além destas, é delineada uma quarta linha ao longo do rio Zêzere, como último recurso para impedir o avanço dos invasores sobre Lisboa. Trata-se da “Linha do Zêzere”, na qual são referidas baterias em todos os pontos onde seria mais fácil a travessia do rio.

O Forte das Batarias e a Bateria das Batarias, onde irá decorrer uma das escavações do CAPN 2015, encontram-se integrados na Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, fazendo parte de um núcleo defensivo sobre a ponte do Alvito (Ribeira do Alvito), tendo como objetivo impedir ou atrasar os exércitos invasores que, vindos pelo “caminho de carro” que ligava a Sobreira Formosa a Castelo Branco, pretendessem atravessar a portela natural da Serra das Talhadas na Catraia Cimeira.

Em 2007 decorreu no Forte das Batarias uma campanha de escavações, prevendo-se então a escavação deste forte e da bateria a ele associada num mês e meio. De facto, dois meses e meio não chegaram para finalizar a escavação integral do Forte das Batarias, ficando por escavar os fossos Sul e Norte.

Analisando a metodologia construtiva do Forte das Batarias e da Bateria da Achada (Vila Velha de Ródão), escavada em 2003 (João Caninas e Francisco Henriques), ambos na Serra das Talhadas mas em extremos opostos, verificámos que o aspeto mais débil ou robusto apenas tem a ver com a matéria-prima disponível e não com o facto de serem estruturas provisórias, como frequentemente são referidas.

Os dados obtidos no Forte das Batarias permitiram constatar dois momentos de ocupação: numa primeira fase, a de construção em 1762, o forte adotou as melhores soluções, respeitando a arquitetura militar da época, perante a urgência defensiva da posição na rota de uma eminente invasão, tendo então sido equipado com estruturas adaptadas às peças de artilharia disponíveis; na segunda fase de ocupação, provavelmente executadas em 1801 sob o comando do Marquês de Alorna, o espaço é reestruturado e adaptado às necessidades da época, sendo

construídas rampas para colocação de peças de campanha, de pequeno porte, leves e de rápida remoção em caso de fuga.

27 de agosto de 2015

Moita da Ladra, o depósito votivo do Bronze Final: resultados preliminares

Mário Monteiro e André Pereira (EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia)

Resumo. No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados em 2009 na Pedreira da Moita da Ladra (Portugal, Vila Franca de Xira) foi escavado um depósito votivo do Bronze Final, localizado numa depressão natural no afloramento calcário.

Abrangendo uma área com pouco menos de 4 m de comprimento por 3 m de largura e uma profundidade máxima de 70 cm, foram exumados cerca de 50 vasos (nalguns casos com superfície brunida) e abundante fauna, que constituem o espólio votivo. Para além destes recolheram-se escassos fragmentos de adornos em bronze (entre os quais fíbulas, alfinetes e argolas) e uma conta de colar, aparentemente ali deixados sem qualquer intencionalidade.

Perante os dados obtidos, a uniformidade tipológica do espólio e a análise prévia do mesmo, admite-se um curto período de ocupação do espaço (máximo 100 anos) ao longo do qual este foi continuamente utilizado no decurso de ritos de comensalidade. De acordo com a uniformidade tipológica do espólio e os paralelos obtidos, o sítio terá sido utilizado numa segunda etapa da Idade do Bronze Final, cerca do século X-IX a.C.

Porém, obteve-se uma datação absoluta por radiocarbono, sobre fauna mamalógica e malacológica, que aponta para uma fase tardia do Bronze Final, balizada entre finais do século IX e finais do VI a.C., mais seguramente nos séculos VIII/VII a.C., num momento em que se davam os primeiros contactos com os Fenícios em Almaraz e em Santarém.

29 de agosto de 2015

Arqueologia do contacto no Médio Tejo português entre Idade do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro: métodos, trabalho de campo e arqueologia pública

David Delfino (Instituto Terra e Memória / Câmara Municipal de Abrantes - projeto M.I.A.A. / Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências - CGeo-U.C.)

Resumo. A região do Médio Tejo português é rica em vestígios relativos às comunidades humanas locais na Idade do Bronze Final e de testemunhos das dinâmicas de contacto com o mundo mediterrânico entre os sécs. VIII e VII a.C.: salientam-se, de um lado, o rio Tejo e as cristas do Maciço Metamórfico Antigo como eixos privilegiados de movimentos de mercadorias, tecnologias e pessoas e, de outro lado, os ricos recursos de ouro aluvionar como fator de riqueza estratégica local.

Povoados amuralhados de altura têm sido alvo de escavações desde 2011, permitindo completar o quadro dos conhecimentos já adquiridos com os trabalhos desenvolvidos na segunda metade do séc. XX.

Ao longo do trabalho foi possível desenvolver atividades de devolução ao público dos conhecimentos alcançados, usando o aspeto territorial e as novas tecnologias digitais como ferramentas para ultrapassar o problema da fraca monumentalidade dos sítios para atrair o grande público.

29 de agosto de 2015

A Linha Defensiva do Rio Guadiana no âmbito da Restauração de Portugal (1640-1668)

Leonel Borrela (Museu Municipal de Beja)

Resumo. Este estudo sobre a linha defensiva do rio Guadiana durante a Restauração de Portugal (1640-1668), tenta valorizar e colocar na História uma obra militar ainda muito pouco conhecida: a fortificação da margem direita do Guadiana, sob a alçada dos concelhos de Vidigueira, Beja e Mértola.

Veremos a originalidade deste empreendimento seiscentista que ainda há vinte anos era completamente desconhecido do meio militar e, obviamente, da História.

“Barcos de pedra” poderia ser o título deste estudo...

Projeto MESOPOTAMOS

Mencionam-se seguidamente ações executadas no âmbito do Projeto de Investigação Mesopotamos.

A convite do Doutor Rui Boaventura apresentou-se em novembro de 2015, em Redondo, uma comunicação intitulada *Um olhar sobre o Megalitismo de Proença-a-Nova no contexto da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa e do Geoparque Naturtejo* no colóquio Mega-talks 2: Megaliths and Geology. Foi subscrita por J. Caninas, F. Henriques, M. Monteiro, A. Pereira, P. Félix, E. Carvalho & C. Mendes, em representação do CAPN e do Projecto Mesopotamos.

A convite do Prof Chris Scarre (Universidade de Durham), em janeiro de 2016 enviou-se para publicação no livro *Megalithic tombs in western Iberia: excavations at the Anta da Lajinha in their broader context* (Oxbow Books) o texto intitulado *Megalithic Tombs of Proença-a-Nova* (Portugal), tendo como autores J. Caninas, F. Henriques, M. Monteiro, P. Félix, A. Pereira, C. Mendes & E. Carvalho.

Participou-se no 4º Encontro de doutorandos e pós-doutorandos em Arte Rupestre - Arte das Sociedades Pré-Históricas, em novembro de 2015 (Mação), com a comunicação intitulada *Pinturas rupestres pré-históricas na Serra das Talhadas*

(*Proença-a-Nova*) – *novas leituras e novas descobertas*, subscrita por F. Henriques, L. Bravo Pereira & J. Caninas.

Em maio de 2015 participou-se nas 3º Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, realizadas em Vila Velha de Ródão por iniciativa do Centro Português de Geo-História e Pré-História, com a comunicação intitulada *Recintos murlhados do final da Pré-História no distrito de Castelo Branco: o recinto de Chão de Galego* (*Proença-a-Nova*) e sua contextualização arqueológica e histórica, subscrita por P. Félix, J. Caninas, F. Henriques & C. Mendes.

A convite do Doutor David Delfino (Instituto Terra e Memória) participou-se no colóquio *Há 70 anos o Castelo Velho do Caratão - descoberta, investigações e novas perspetivas para a compreensão de um passado, que é o nosso Património comum*, que teve lugar no dia 20 de junho de 2016, em Mação, com a comunicação intitulada *O recinto murlhado de Chão de Galego (Montes da Senhora, Proença-a-Nova): contextualização e problemática*, subscrita por P. Félix, J. Caninas, F. Henriques & C. Mendes.

Caracterizam-se seguidamente os principais resultados obtidos durante os trabalhos de campo do CAPN 2015, no que concerne às prospecções de campo e às escavações arqueológicas em quatro diferentes sítios arqueológicos.

Prospecção arqueológica

Estes trabalhos revelaram os primeiros vestígios de uma presença humana remota (Paleolítico Médio ou Inferior, mais de 100.000 anos) nas margens do rio Ocreza no território do município de Proença-a-Nova, e hipoteticamente também nas margens da ribeira da Pracana. Infelizmente este tipo de assentamentos antigos, que ocorrem recorrentemente em terraços fluviais, no caso do Ocreza foram sistematicamente desmontados na época romana para a exploração de ouro aluvionar.

A presença romana neste território pode ter destruído "as memórias" de tal presença pelo menos nas margens dos principais cursos de água que marginam Proença-a-Nova. Contudo, não se exclui a possibilidade de existirem sítios arqueológicos paleolíticos nas proximidades dos depósitos de vertente da Serra das Talhadas.



Ainda neste âmbito foram feitas prospeções em vários outros pontos do concelho que permitiram identificar, na serra do Chão Galego, novos abrigos, alguns com potência de solo para escavação e outros com pinturas esquemáticas, superfícies rochosas gravadas (Pedreira), de época indeterminada, e estações de superfície da baixa Idade Média (Lameira de Ordem e Pedra do Altar).

Mamoas do Cabeço da Anta e do Cimo do Vale de Alvito (4º milénio a.C.)

Em 2015 deu-se continuidade à investigação iniciada em 2013 e 2014 nas duas grandes sepulturas megalíticas do Cabeço da Anta e do Cimo do Vale de Alvito (4º milénio a.C.), as mais antigas arquitecturas que conservam na paisagem portuguesa.



Esta pesquisa visa conhecer os métodos construtivos destes monumentos funerários tão característicos da Pré-História Europeia, os rituais funerários que neles tiveram lugar e qualificá-los para visita uma vez que estão integrados no percurso pedestre PR1 - *A História na Paisagem*. Um terceiro monumento, a anta do Cão do Ribeiro, já foi investigado e encontra-se reconstruído (na área estudada).

No Cabeço da Anta, um *dólmen* com uma câmara de nove esteios, já delimitada à superfície e envolvido por grande *tumulus*, com mais de 30 metros de diâmetro e

quase 3,5 metros de altura, a escavação da câmara funerária está em fase de conclusão, mas a investigação de outros sectores desta construção deverá prosseguir nos próximos anos.

A primeira campanha no Cabeço da Anta foi antecedida por prospeção geofísica recorrendo a métodos electromagnéticos (georradar) e eléctricos (tomografia de resistividade eléctrica). A utilização do georradar não produziu resultados muito úteis do ponto de vista da identificação das estruturas enterradas em virtude do forte ruído observado nos vários perfis de georradar (radargramas) realizados; contudo, as tomografias de resistividade eléctrica produziram imagens cuja interpretação se aproxima do que já foi escavado.

Assim, como resultado da experiência adquirida no ano anterior foi decidido realizar novas tomografias de resistividade eléctrica com diferentes orientações e diferentes espaçamentos entre eléctrodos; para além disso foi ainda decidido fazer um levantamento magnético numa área ainda não escavada.



As tomografias de resistividade eléctrica não puderam ser realizadas durante a campanha de escavação dado que o terreno se apresentava demasiado seco para permitir a passagem da corrente eléctrica; assim, as tomografias de resistividade eléctrica serão realizadas durante o inverno de 2016, quando as condições de humidade do solo na zona da anta forem mais favoráveis. Porém, os resultados da prospecção magnética permitiram delinear algumas anomalias cuja confirmação só poderá ser verificada aquando da escavação a realizar no futuro.

Em 2015 prosseguiram os trabalhos de escavação na sepultura megalítica do Cimo do Vale de Alvito na área do corredor de acesso à câmara funerária, a qual já se encontra integralmente escavada. A execução da reconstrução deste monumento está projectada para o primeiro semestre do próximo ano.

Em 2014 foram efectuadas recolhas de amostras (a cargo de José Mirão, do Laboratório Hércules da UE) para análise química das argilas utilizadas na construção destas mamoaas.

Até ao momento já se obtiveram dados de muita relevância para a caracterização das técnicas construtivas deste tipo de monumentos (primeiras argamassas, a confirmar, e protótipo de muro de dois paramentos com enchimento de pedra miúda).

Recinto murado de Chão de Galego (2º milénio a 1º milénio a.C.)

O recinto murado do Chão de Galego situa-se na Serra das Talhadas, sobranceiro à povoação que lhe dá nome, e tem de altitude máxima 614 metros. Entre duas grandes cristas de rocha quartzítica localizadas nos flancos nascente e poente deste troço da serra, existem duas estruturas de fortificação ou delimitação com cerca de 400 metros de extensão cada que, em conjunto com as cristas, delimitam um espaço com mais de 2000 metros de perímetro e 20 hectares de superfície.



Este sítio é provisoriamente atribuído à etapa final da Idade do Bronze, podendo ter sido um local de povoamento com carácter mais ou menos temporário em época de grande instabilidade social, política e económica provocada pelo estabelecimento do sistema colonial fenício nas costas do quadrante sudoeste da Península Ibérica.

A campanha de escavações arqueológicas de 2015 pretendia caracterizar estrutural, funcional e cronologicamente o conjunto do recinto através da abertura de um corte estratigráfico de diagnóstico que interceptasse a chamada "muralha norte" e da sondagem de uma segunda área que fosse susceptível de poder ter sido objecto de ocupação mais duradoura com estruturas habitacionais. Infelizmente, esta sondagem não deu os resultados pretendidos, tendo permitido, apenas, a confirmação da antiga utilização desse espaço como local de extracção de pedra.

No corte sobre a "muralha norte", complementado com a limpeza do perfil da estrutura que fora cortada aquando da abertura do estradão de acesso, confirmou-

se a natureza antrópica destas realidades materiais e a sua grande extensão: em princípio, 10 ou mais metros de desenvolvimento transversal e, por extrapolação dos dados da limpeza do perfil, mais de dois metros de altura conservada.



Por outro lado, sem descartar ainda a anterior existência de uma estrutura pétreia de fortificação, que poderia reduzir-se a um desenvolvimento vertical de menos de dois metros (completado com eventual paliçada de madeira) e transversal de cerca de quatro metros, o que nos parece surgir é um grande aterro em forma de terraço com talude em rampa de vários metros de desnível entre o topo e a base.

Pelo facto de ainda não termos podido contar com a recolha de materiais arqueológicos que nos confirmassem a cronologia de construção e utilização do recinto, restam todavia muitas perguntas com respostas em suspenso para as próximas intervenções, restando-nos tão só a comparação entre as técnicas de construção deste e doutros sítios arqueológicos para podermos balizar uma provável cronologia dentro da Idade do Bronze.

Do mesmo modo, sobram várias questões sobre a real funcionalidade deste sítio, não sendo de descartar outras utilizações que não a de local de povoamento.

Forte das Batarias, Catraia Fundeira (séculos XVIII - XIX)

O Forte das Batarias, uma estrutura militar, foi o primeiro sítio arqueológico a ser escavado em Proença-a-Nova, no ano de 2007. Os resultados dos trabalhos então efectuados encontram-se disponíveis na revista digital da AEAT (<http://www.altotejo.org/acafa/default.asp>) e revelaram uma construção complexa e duradoura que dificilmente se enquadra no conceito de "obra de campanha", quando enquadrada nos confrontos aqui ocorridos por ocasião da Guerra dos 7 Anos.



Na campanha de verão do CAPN2015 pretendeu-se completar a escavação desta estrutura militar com o desentulhamento dos fossos, sul e norte, trabalho que ficara pendente na campanha de 2007.

Os resultados, apesar do curto espaço de tempo dedicado a esta tarefa, surpreendem novamente, reforçando o carácter elaborado desta fortificação.

Ao contrário do fosso simples revelado em 2007 no lado frontal, no lado norte foi agora posto à vista um fosso estreito, pouco profundo, mas complementado por um murete de contenção das terras do talude, que originalmente deveria ter cerca de 1 m de altura.



Roteiro fotográfico (páginas seguintes)



Sessão de apresentação na sede do município com João Lobo (vice-presidente).



Início dos trabalhos no Cabeço da Anta.



Participantes no CAPN.



Visita ao cabeço da Anta de João Paulo Catarino (presidente).



Visita de António Mascarenhas (general) ao Forte das Baterias.



Equipa com M. Jesus Sanches e Francisco Curate.



Visita de V. Oliveira Jorge, A. Monge Soares e Florbela Estevão ao Vale de Alvito.



No Forte das baterias com António Correia.



Participantes no miradouro das Portas do Almourão.



No miradouro das Portas de Ródão.



Visita à Foz do Enxarrique.



Visita ao Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo (V. V. de Ródão).



Jantar em aldeia de xisto (Oliveiras).



No Seminário do Preciosíssimo Sangue (alojamento dos participantes).



Confraternização em aldeia de xisto (Figueira).



Jantar na cafetaria do Parque Urbano Comendador João Martins com C. Tavares da Silva, Joaquina Soares e M. Jesus Sanches.



Na cafetaria do Parque Urbano com A. Monge Soares,
V. Oliveira Jorge e Florbela Estevão.



Na cafetaria do Parque Urbano com João Lobo (vice-presidente),
António Mascarenhas (general) e J. Paulo Berger (coronel).



Encerramento do CAPN.